

**FESTA PARIXARÁ<sup>1</sup>**

Julieta Souza Silva (2)

A festa Parixará é uma entre as diversas atividades manifestas da cultura mítico-tribal do povo indígena Makuxi. É realizada várias vezes ao ano, principalmente por ocasiões que se reservam à pesca e às colheitas. A festa (cerimonial coreográfico) é ritmada por um bastão que tem como adorno, em sua extremidade superior, algumas sementes e conchas, que produzem sons semelhantes aos de um chocalho. Quando o bastão é batido no chão, os participantes também batem com o pé direito, dando dois passos para a frente e um para trás, em fila indiana retilínea. Em seguida a este movimento, geralmente os pares se dão os braços uns aos outros, continuando a dança.

Alguns outros grupos étnicos incorporam instrumentos à festa Parixará, a exemplo de flautas, tambores e até mesmo um berrante. A pessoa que conduz o bastão, instrumento ritmador, é o "puxador" dos cantos, que poderá ficar indeterminadamente entoando a mesma melodia, enquanto a letra dos versos muda.

A indumentária própria para a dança Parixará é produzida a partir de palmas novas do inajá. Parte dos motivos escorrega pela cabeça do brincante, como se fosse uma máscara que lhe cobre parcialmente o rosto e alcança imediações inferiores da cintura; a outra parte, vai da cintura aos tornozelos.

Os participantes iniciam a festa com um canto avisando que estão chegando e depois, pedem permissão para adentrar a casa de um

-----  
1 Narrativa do índio Makuxi Agostinho, maloca do Mutum e versos cantados pelo índio Antônio Ramos, traduzidos para o português por Adalberto. Ambos são Makuxi e da maloca do Contão.

2 Secretaria de Educação, Cultura e Desportos de Roraima- Departamento de Cultura/Div. de Etnografia e Folclore.

dos membros da aldeia. Algumas vezes, quando dançarinos vêm de outra aldeia, há uma cerimônia animada de demonstração de forças, entre locais e visitantes que, correndo alguns quilômetros antes, pára bruscamente e procura enfrentar o anfitrião peito a peito, sem usar os braços. Um empurra o outro até que um dos dois seja vencido. O perdedor da peleja é aquele que cai por terra. Se o vencedor for o visitante, este procurará chegar a todo o custo ao recipiente onde está o caxiri ou o pajuaru, bebidas que sem as quais não há disposição ou ânimo para o festejo. E para que tal não aconteça, ele é atingido por bolas feitas de massa da qual é produzido o caxiri ou o pajuaru, e que são atiradas pelas mulheres, estrategicamente posicionadas para esta ação. A festa Parixará pode durar dias, desde que haja suficiente bebida para ingestão continuada e conseqüente motivação de ânimos entre os partícipes.

### **Origem da festa Parixará**

Um jovem vivia solitário num lugar distante de aldeias, trabalhava arduamente para manter-se, pois não possuía parentes ali. Um dia, chegaram muitos urubus para comer a carniça de um animal que morrera ali perto e, entre eles, veio um urubu-rei encantado. No dia seguinte, não resistindo a tentação, saiu numa clareira, defecou e, em seguida, besuntou o próprio corpo com suas fezes. Lá ficou exposto ao sol. Não demorou e começaram a chegar os urubus, pensando que se tratava de algum animal morto. Quando o urubu-rei passou bem perto dele...zap..., agarrou pelas pernas e foi logo arrancando as penas das asas, levando a ave para a sua casa.

Todos os dias o rapaz cuidava do urubu. Entretanto, começou a desconfiar de algo: sempre que voltava do trabalho encontrava a comida pronta e a casa arrumada. Decidido a descobrir o mistério, saiu fingindo ir ao trabalho como costumeiramente fazia. Depois de algumas horas voltou para casa e, para surpresa sua, o urubu-rei era uma "urubu-rainha", que havia se transformado numa linda cunhantã. A partir daquele dia, começaram a viver juntos. Mas todas as tardes ela ficava olhando o firmamento dizendo:

"- Os meus irmãos estão lá em cima! Eu queria está lá, junto com eles!" E assim, repetidamente, convidava o marido a ir com ela para o céu, pois o dia da festa do povo dela estava se aproximando.

Quanto ao marido, ele demonstrou querer ir à festa no céu, mas não sabia como fazer. Ela então mastigou uma planta mágica e a esfregou sobre a cabeça dele. Em um instante, ambos transformaram-se num casal de urubus-reis.

Ao chegarem lá, ele viu uma paisagem linda. Mais surpreso ficou ainda, quando descobriu que o lugar era habitado por seres amigos. Ali era a cidade das aves. Entretanto, o jovem passava muita fome, vez que tudo o que lhe era trazido pela esposa estava deteriorado. Deste modo, quem lucrava era um outro urubu-rei, que se fizera pouco amigo seu.

Um dia, nas proximidades, o jovem avistou uma casa. Ao chegar lá, descobriu que tratava-se da casa dos canarinhos. Aí havia arroz, milho e outros cereais, o que o fez ficar bastante alegre, pois escapou de morrer de fome.

O sogro do jovem, certo dia, mandou que ele construísse uma nova casa. Ele começou, mas viu que o trabalho era muito pesado para uma só pessoa fazer. Imediatamente apareceram as formigas que lhe traziam os caibros. Outro problema era quanto aos buracos para fincar estacas. Necessitava de um bom ajudante, pois a superfície era uma laje. Problema resolvido: veio o muçum - nas lendas makuxi acredita-se que o muçum fora uma broca. Faltava a cobertura da casa - era necessário muita palha. Jacus, japiins e rouxinóis trouxeram as palhas e cobriram a casa.

Depois de pronta a casa, o sogro mandou que o jovem construísse um banco na sala, no formato de sua cabeça. O sogro tinha duas cabeças - uma maior que a outra. O genro não sabia realmente como eram aquelas cabeças para entalhá-las na madeira formando um banco. Neste instante, uma osga encontra o rapaz e quer saber o motivo de tão grande preocupação.

"- O motivo de tão grande preocupação é que eu não sei como é, a ponto de reproduzi-la na madeira." A osga entrou furtivamente onde dormia o velho urubu-rei, subiu sobre sua cabeça e pediu à filha dela que trouxesse o lume para perto. Quando iluminou o velho urubu-rei, descobriu que realmente ele possuía duas cabeças. Modelou-as duas vezes com cera de abelha e, só assim, o genro conseguiu fazer o banco, de modo a contentar o sogro.

Finalmente chega o grande dia da festa de inauguração da casa nova, mas antes, o genro deveria secar o lago para a turma pescar. Ele iniciou pela manhã, bem cedo. Logo estava cansado e teve como ajudante uma boa turma de jaçanãs. O anum era o vigia - por isso é que até hoje a gente vê jaçanãs jogando água com o rabo.

Vieram os pescadores e capturaram sucurijus, jacarés, peixes grandes e pequenos, todos do lago seco. Colocaram tudo num depósito e só retiraram dali quando tudo estava deteriorado, estragado mesmo. Tudo pronto. Mandaram chamar o velho urubu-rei, e o rapaz só conheceu o sogro quando ele saiu de seus aposentos.

A festa do Parixará começou - todos bebiam, cantavam e dançavam. Num dado instante, um grupo de convidados levantou-se contra o jovem. Descobriu que o rapaz estava gravando na memória todos os cantos da festa do Parixará.

"- Ele será nossa comida e bebida", disseram. Fugindo dali, o rapaz entrou na casa da aranha. A sua pergunta, ele respondeu: "Estou sendo perseguido por um grupo", exclamou. A aranha logo o deixou entrar e esconder-se entre rolos de cordas, que eram suas teias. Aos perseguidores ela respondeu não ter visto ninguém que passasse por ali. Os perseguidores do rapaz insistiram, e a aranha, irritada, expulsou-os dali, ameaçando mordê-los. Depois disso, o rapaz contou o seu drama à sua protetora aranha.

"- E o que pretende fazer daqui em diante?" Perguntou a aranha.

"- Quero voltar para a minha terra, mas...não sei de que jeito", respondeu o jovem.

A aranha, determinadamente prestou ajuda ao rapaz. Amarrou o jovem à ponta de uma corda e, antes de descer, deu instruções para que se segurasse bem firme e, durante a descida, não abrir os olhos. Tudo correu muito bem até quando, ao aproximarem-se da terra, ele ouviu o farfalhar na mata. Curioso, abriu os olhos, resultado: a corda quebrou-se, ele caiu no meio da floresta, em cima de uma enorme sumaúma. Ali encontrou o que lhe parecia ser um bom amigo, a quem falou novamente de sua situação, e acrescentou que agora não tinha meios para sair dali.

"- Ah! muito bem", disse o suposto amigo.

"- Pule aqui, nas minhas costas e vamos descer juntos".

Era o rei dos "osgos", quem assim falava. Logo na descida começou a cantar e nesse canto ia dizendo:"...tenho um delicioso jantar, tenho um delicioso jantar..." Nisto subia e descia, sempre dizia a mesma coisa. O rapaz entendeu que o "delicioso jantar" seria ele mesmo. Dizendo estar gostando muito da dança, pediu à osga para descer um pouco mais, o que esta fez com todo o prazer. Num segundo momento, ele saltou e saiu correndo. Depois de longa caminhada, chegou à sua aldeia.

Dias mais tarde, já refeito dos sustos por que passou, convidou seus vizinhos para festejarem sua volta e, naquele dia, ensinou seu povo a cantar e a dançar o Parixará, festa que havia aprendido com os urubus-reis. Anos passaram-se e o rapaz faleceu, mas a música e a dança Parixará ficaram para sempre.

Para o nosso chefe trago o melhor banco  
Para ele se sentar  
Para o nosso chefe trago o melhor banco  
Para ele se sentar.  
Embora não me queiram mais  
Vou dançando porque sou parixará  
Sei dançar parixará  
Ele tem inveja de mim, mas vou dançando.

Recebido em 05/06/95  
Aprovado em 08/06/95